

# A LAGRIMA

QUINZENÁRIO ILLUSTRADO

## DIVAGAÇÕES

O homem não é só alma, é alma e coração. A vida é o resultante d'estas duas forças, que labutam incessantes para um proporcionado equilibrio.

A verdade e o bello são os dois pólos que limitam os destinos do homem. Saber e amar cifra todo o progresso, ultima todas as lucubrações, enthronisa o homem na sua realeza, abre-lhe as portas do infinito, approxima-o da Divindade.

A ignorancia e a dôr são antitheticas com a alma e o coração: Ignorar e soffrer não é um estado normal, é uma cecadencia morbida, é um retroceder na linha do progresso indefinido, é um decahir das emi-nencias da personalidade.

Não basta que a verdade nos illumine com toda a luz, é necessario que o bello nos encante com todo o esplendor. O sentir é sempre mais poderoso que o pensar.

A intelligencia restringe-se, o sentimento não tem limites. A intelligencia é gelo, o coração é fogo. Se a intelligencia é a soberania, o coração é a omnipotencia.

Socrates e Platão, Kepler e Newton, Leibnitz e Kant, enthesourando nos dominios da humanidade as riquezas do pensamento, conquistam a soberania da intelligencia.

Homero e Virgilio, Dante e Camões, Rubens e Murillo, Meyerber e Gounod, Verdi e Wagner, traduzindo nas vibrações mais sentidas do coração, os ideaes alevantados do genio, alcançam na escala da perfectibilidade a omnipotencia do sentir.

São grandes os que pensam, mas são enormes os que sentem.

Educar o coração pela estetica não é menos que formar o espirito pela sciencia.

As bellas artes são o laço mysterioso do espirito e do coração, são a grandeza do pensar sublimada pela grandeza do sentir.

Reunindo em um só foco de luz muito pura os

dois reoferos d'estes grandes elementos, o cerebro e o coração, ellas são um factor essencial da perfectibilidade dos povos.

São um thermometro e uma alavanca. Um thermometro que gradua a moralidade e uma alavanca que impulsiona a orientação.

E a mais bella das bellas arts, a que melhor traduz as suaves emoções do bello e mais apri-mora o sentimento, é sem duvida—a muzica.

Rigorosa como a mathematica, experimental como a phisica, ideal como a poesia e persuasiva como a eloquencia, tem sobre todas o mago, e especifico condão de traduzir nas vibrações das suas cordas os acordos mais delicados do coração.

Orpheu extasiava as aves com os doces arpejos da sua lyra; Tyrtou dava triumpho a Athenas com o caloroso enthusiasmo de seus canticos marciaes.

O que tem de vago no pensamento, tem-no de vivido e effcaz na emoção.

Arranca choveiros de lagrimas e incita delirios de ovações.

Na infinita amplitude do sentir, chorar e amar ella tem ondulações e notas, desde o pranto inconsolavel até ao delirio do enthusiasmo, desde os mais feiticieiros requiebrros do amor até aos mais violentos impetos da colera.

Umaz vezes é o despenhar de catadupas em alegros vivissimos; outras vezes é o deslizar sereno do rio em largos dormentes. Cicia como as brizas e silva como os ciclones.

Tem gritos e gémidos; soluços e ancias, rai-vas e coleras; desalentos e nostalgias.

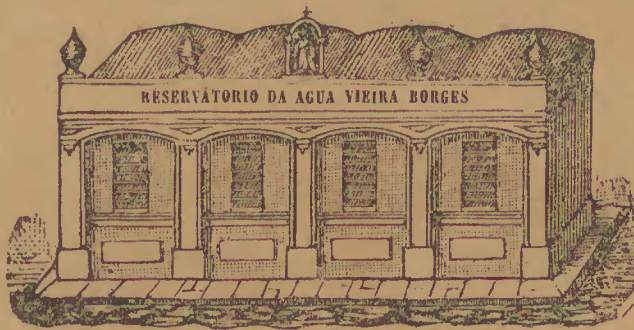
Barafusta como uma revolução e enlanguece como um extasis.

Dá magestade aos pensamentos mais grandiosos e mimo aos sentimentos mais puros.

D'aqui deriva a sua poderosa influencia nos pensamentos e nos costumes.

Promover a cultura da mais bella das bellas artes é lapidar, burilar e formar o bom gosto.

E' levantar o nivel moral estendendo o braço salvador a tantos que se extraviavam a tantos que se perdem no tremedal dos vicios.



## A LAGRIMA

E' contrarestar a torrente impetuosa dos sorridentes prazeres onde naufragam tantas esperanças e se estiolam tantas flores.

Barcellos:

A. M.

### INTERLUNIO

Ella tem no labio capillar gosação de buço patricio.

Dos olhos, corinados por fibras de carvão, saem capillês de sentimento toti-melancholicos.

Corpo—caule de ramillete *surchargé* de flores, —guindasta a fronte bem torneada em tecido aliposo.

Cabeça—ramada de *foin-coupé*—trata-se da dyspepsia do cerebro, lendo no *tirer un rideau* da moda, a cabudice da sua infantilidade.

A retina do coração parece assinalar o prefacio do *olhar* de B. . . . , rapaz aponta-lo em azeite, e de talento em setima ou oitava dynamisação.

LOBO N'ALVA.

### NOTAS DA QUINZENA

Está o leitor transportado a um salão comprido e largo, branco assim como a casca d'um ovo de gallinha.

Tem em frente, suspenso da parede, o retrato, ressaltante de côres, do Senhor D. Carlos I, que está entalado n'uma moldura de 600 reis o metro.

Aos lados vê, pendurados em pregos d'arame, nacionaes, varias lithographias e photographias conhecidas.

A pouco mais de meio salão, topa com uma grade a correr lateralmente da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, com uns torneados inchados e envernizados de preto.

Encostado a ella, lobriga um individuo de casaco russo, avivado de vermelho, com o ouvido attento, cuja cara indica que faz uso «interno», diariamente, d'uma melida assim como uma *barca*, da esquentadôra aguardente.

Já á porta d'entrada do salão vê, alapado n'um banco, um outro individuo, fardado da mesma forma, que tem uma *bababa* n'uma orelha.

Os reposteiros das portas interiores, por onde constantemente assomam *novos figurados*, são cor de sarro de vinho.

Das grades para dentro, que fazem lembrar as d'um altar móe, pousam duas mezas de cada lado, que tem espalhados em cima papeis. Em frente salientam-se três; a do meio está em cima d'um estrado assim como o dos juizes nos tribunaes.

Encostados e assentados a ellas, vê varias pessoas.

Abanado á meza estralada está um moço *limpo*, dos seus 30 annos, a sorrir para outro que

tem á esquerda vestido de claro, assim como um brasileiro que vem dos *matos*.

Á direita da meza *estrada*, está um homem com calva, luzidia assim como côla de peixe, com o bigode branco quasi como *leite*.

Nas mezas lateraes ha um individuo com pêra e bigode fartos, com linhas physionomicas asperas, assim como as d'um velho *fidalgo* solarengo.

Descobre outro já velho como o *diabo* e riço como um *carvalho*.

Vê um outro individuo baixo, assim como o celebre Kagaçal, que tem acavallado no nariz *esquinado*, uns olhos com aros d'ago.

Destaca sobre todos um com os collarinhos luzentes assim como uma vela de stearina, que tem um tolo de *doutor*.

E etc.

—Senhores—diz o que está na meza *estrada*—a data é uma questio de dia.

—Apoiado—diz o do nariz *esquinado*.

—Uma *bia dita*—aponta o do bigode branco quasi como *leite*, para um papel—é a que nos dá o orçamento—que diz custar 100,000 reis a proçissão de Corpus Christi. . .

E' pouco—diz o *adoutorado*—porque *esteve* expulhada. . .

(N'esta altura ouvia-se perto uma corneta militar tocar a patroleo para os canchieiros.)

—Proponho—diz o *fidalgo*—uma estrada que, partindo das caldas de Lijó e passando pela porta d'um camarista, vá tor ao Tamel.

—Como elle sabe *geographia*—diz um popular.

A pessoa vesti-lo á *brasileiro* repontan-lo ao dos collarinhos luzentes:

—Não divulgue o que se passou em particular entre nós todos, lá dentro.

Um lavrador malicioso:

—Lá dentro, em particular, todos juntos; haviam de fazer boa cousa. . .

Resultado d'esta reunião.

0 0

Discutiam-se contas. . .

A nota mais voluosamente retumbante, que nos deu a romaria de S. Bento, depois dos caprichos do vinho escapado das vasilhas para as cabeças humanas, foi o peso arrobatico d'um lavrador,

De duzentos e tantos que se pesaram n'uma balança, suspensa d'um amoso carvalho, junto da igreja oraguenta,—o que se avantajou mais em carnes, o que se deshumanizou pelo todo incommensuravel, foi o Ferros, de Remelhe.

*Pesou 8 arrobas!*

Para competir com este só o Pinto Cerdeira. . . Mas que *piteu* de carne para os antropophagos.

## A LAGRIMA

### N'UM ALBUM

*Ha só dois escudos que jamais a morte  
Da foice ao corte sujeitar não soube;  
Sciencia, brilho que de Deus nos veio,  
Virtude, esteio que do céu nos coube.*

Barcellos

A. M.

A João Gonçalves da Silva, lampeanista, morreu um menino de 43 mezes.

Mettido n'um *mignone* caixãozinho, em que foi depositado, seguiu, depois de lhe ser lido o responso da praxe, para o cemiterio, á cabeça d'uma mulher.

Enterro barato e pobre, sem o espectáculo fallhuto dos ricos.

Eram 6 3/4 quando o defunctosito loiro e branco chegou ao cemiterio. Porém, como o coveiro «não foi avisado a tempo», o lyriosinho murcho voltou a casa dos paes alanceados, dos paes doridos.

... Se ain la mesmo o proceder do coveiro fosse regulamentar—era deshumano, era canibalesco.

João: não ha nada como fazere[m]-se *aviso*s com *prata*...

### Os Farias de Barcellos.

Aos pés da ermida da Senhora da Franqueira, ergue-se uma collina que, outr'ora, viu edificado o castello de Faria. Hoje, o tempo passou desvastando e ruindo esse templo de heroes, restando apenas vestigios, que só um olhar sagaz poderia descobrir.

Era, no reinado de D. Fernando de Portugal, Nuno Gonçalves de Faria o governador d'esse castello. As hostes castelhanas invalidaram certo dia Barcellos. D. Nuno, valente até á temeridade, prestes veio combater os invasores, entregando o governo do forte a seu filho Gonçalo Nunes de Faria.

Ao lado dos barcelenses, e n'uma renhila e sanguinolenta lucta á arma branca, ficou prisioneiro das hordes intrusas.

Prometteram os castelhanos resgatar-lhe a vida, se elle persuadisse o filho a entregar-lhes a fortaleza de Faria.

Levalo á barbaça do castello, Nuno Gonçalves vaslorosamente audacioso, aconselhou o filho «a que fosse fiel a seu rei e amo».

Vinte espadas trespassaram-no, sendo o premio d'um tal feito heroico, morte tão barbara.

Nada demoveu o filho a ceder, e mal feridos e parte do forte incendiado, repelliram os aggressores. Mais tarde, foi, por isso, considerado como Senhor d'Azurara, Pindêlo e Fão; e D. João I concedeu que elle fôsse clérigo e abba de Santa Eulalia de Rio Covo.

Este acto de bravura, que cunha no espirito de todos profunla admiração, deve deixar arraigada impressão nos dandys novos.

E' preciso dizer-se «que são descendentes dos heroes da Franqueira, todos os Farias de Barcellos e os demais n'este reino», segundo resa a pag. 482a *Chronica da Soledade*.

Está, pois, de sobejo demonstrado, que o sr. Antonio Paes de Faria, praticante da «Pharmacia do Zê da Botica», e descrevedor emerito das festas ao S. João na Fonte de Baixo, descende d'esses dois valentes que, pela sua coragem, se immortalizaram nas gerações vindouras.

E' curioso, porém, que sendo tão Grandes esses heroes, seja tão pequeno o nosso Paes de Faria.

Só da patria do «Sarilho».

Ha dias que peneira n'esta villa o Leandro ou Landra, como lhe quizerem chamar, esgares *Baptistinos*, feiito avinhado.

E' alfuate. E' óeo d'espirito e cheio de fatuidade asnatia, que provoca a gargalhada.

Tem a namoro-mania. Espana diabolicamente as jaellas com olhares ensaboadamente meigos; o azeite da ternura escorre-lhe n'um sorriso.

Tanto se mexeu, que lá arranjou uma entrevista com uma deidade.

Era noite. O luar piscava o olho maliciosamente. Ei-l'o em frente á Venus adorada.

—O amor é uma pomval disse elle com gestos de trovador. O amor é mais doce que o cava e embriaga como a aguardente barata...

N'isto, duas bacias ... de agua, gelam aquelle fervor anatorio, deixando-o como um pinto.

A deidade ainda ouviu uma sonata deliciosa de qualificativos, com que o misero a mimoseou.

Reservatorio da agua Vieira Borges.

Borges é politico, é creceiro, é armador, é proprietario, e é lavrador.

Borges é um cavaqueador forte, é um discursador caustico de comícios.

Corpanzil amontanhado—cujos olhos estão envidraçados por uns oculos—despedaça gestos para todos os lados, quando as palavras lhe fogem céleres dos labios.

E' tudo isto e mais que tudo isto:—é homem de iniciativa, um homem de progresso.

A elle devemos o grande melhoramento de termos agua dentro dos predios por uma quantia insignificante.

O que o não fez o capital morto e bolorento dos barcelenses.—que accusa no orçamento para os grandes melhoramentos moraes e materiaes d'esta terra *um zero*,—fel-o um *estranho* o sr. Manoel Vieira Borges.

## ALAGRIMA

Barcellos deve-lhe muito.

Estamos, a par de Lisboa, Porto e Santarem, com tal melhoramento.

Estamos abaixo de Paio Pires no *reconhecimento*. Os primeiros que lhe assignaram a agua, foram os primeiros a fugir-lhe. . .

Trataremos, brevemente, em artigo especial d'este assumpto.

A nossa gravura representa o *deposito* das aguas na freguezia de S. João de Villa-boua.

E' elegante e está construido sob todo o ponto de vista hygienico.

«Arranca uma lei dura, d'esses campos, um homem tóceo, duro, bruto e informe. Depois de ser mettido n'um quartel, toma um instructor uma *Ordenança* na mão,—fal-o recuar; fal-o avançar; pende-lhe os braços; une-lhe os calcanhares; apruma-lhe o tronco; fal-o olhar para todos os lados; fal-o encurtar o passo, alargar o passo, accelerar o passo, e *carregar* o passo; fal-o ajoelhar, deitar, comer e dormir. Depois vestem-lhe uma farda, marcam-n'o com um numero na testa, e fazem-n'o andar a toque de caixa.

(E'ahi tendes um soldado, e amanhã talvez um martyr, que póde ser canonisado.)

Está-se, agora, ás voltas, com um exemplar que tambem passou pelas *methamorphoses* da *Ordenança*.

E' um impedido do nosso amigo alferes Faria. Bom rapaz, bom moço.

Um dia d'estes diz-lhe o pae do sr. Faria:

—O' Francisco, toma esta laranja.

O *cannarada* começa logo a descascar-a para a comer. O sr. Faria observa-lhe:

—Guarda-a antes para a comeres á sobrezeza;

—Agora, sr. Faria, eu como-a *mesmo a pé*, não é preciso *sobre a meza*,

Uma mulher dirige-se ao correio, perguntando no *quichet*, se tem carta para ella.

O Thomaz:—«Diga o seu nome».

Ella:—«Essa é boa, o meu nome hade estar ahi na carta!»

Quadrangularmente estúpida.

De regresso do arraial a St.º Antonio, em S. Martinho, veem pela estrada que conduz a esta villa, em discussão acalorada, dois individuos.

Aproximamo-nos, e graças ao luar que reinava, podemos distinguir as suas feições.

Era 1 hora da noite; no ar tinha *lagrimejado* o ultimo foguete, e as muzicas *expiravam* a sua vitalidade.

Estava-se a contas com o Brito, alfaiate, e o Estanislaui, guarda-fio:

—«Você, diz o Brito, pode viver muito melhor do que eu, porque ganha 360 por dia e só tem cinco pessoas de familia, ao passo que eu, ganhando ás vezes unicamente 160 reis, tenho quatro!»

—«Tenha paciencia, atalha o Estanislaui, em minha casa somos sete: eu, a rapariga, os dois pequenos, o Manuel e dois porcos. Já vê que somos sete boccas a comer.»

O que ahi vae de legumes e de . . . bolotas!

Uma mulher de Chorenle vae, em grande pãndega e acompanhada d'um *menino* de 17 annos, á romaria do St.º Torquato.

O rapaz, que é filho de Deus como os outros, vae namorar o seu ponco.

Perde-se da mãe. Esta, em grande azafama, percorre por toda a parte o *menino* que anda transviado, chegando mesmo a pedir ás auctoridades que telegraphassem para toda a parte a ver se encontravam a *cria*.

Botaram-lhe a bola, talvez andasse sem açamo!

Carlos Paes, loiro, estava na quinta da Ferveença, quando vê dois corvos escuro-azulados, em cima d'um pinheiro. Pega na arma de dois canos para desfechal-a e desenferrujal-a n'aquelles *alcos* vivos. Aponta a um, e, sem elle esperar, caieui mortos os dois.

Surge, ao ouvir a detonação, uma lebre.

Carlos julga, de momento, os dois canos vãos, por terem cahido duas peças de caça,—e, por um instincto natural, de caçador,—apontou a espingarda como podia, da mesma forma *metter á cara* uma bengala—e pucha pelo gatilho.

Pum. . . cae a lebre redondamente morta.

### O BAPTISTA DO «SARILHO»:

Pela manhã: |

De tarde: S

A' noite: —

Definição—como critico:

Silva Pinto, de Braga. . . da *confraria* de S. Martinho.

Como aspirante a homem:

Uma hemorragia fétida á semelhança da sua ferocidade.

Responsavel:—João G. da Silva